

## OLIVEIRA PAIVA E O ESPLENDOR DE UMA GRANDE VIDA

---

CARLYLE MARTINS

Filho de José Ferreira de Oliveira e Maria Isabel de Paiva, nasceu Manuel de Oliveira Paiva, em Fortaleza, a 12 de julho de 1861, havendo falecido na mesma cidade a 29 de setembro de 1892.

Ligeira, de certo modo, foi sua peregrinação nos caminhos da terra, mas, assim mesmo, de sua passagem entre os homens deixou traços indeléveis de inteligência e de trabalho, de ardor cívico e de imaginação.

Cedo ainda, cursou o velho Seminário do Crato, não constando que a paisagem soberba da Serra do Araripe haja inspirado o seu espírito, que, até então, se mostrara infenso às manifestações da Arte e da Beleza.

Poucos anos depois do Curso Eclesiástico, viajou para a antiga metrópole do País, no firme propósito de seguir a carreira das armas, a exemplo do que fizeram Adolfo Caminha e Euclides da Cunha, matriculando-se na Escola Militar, por ele logo depois abandonada por motivo de doença.

Voltou então ao Ceará, à procura de recuperação, sem dificuldade conseguida, uma vez que buscou o clima salutar dos rincões da gleba nativa.

Entre nós, agitava-se então a Campanha Abolicionista, nos ouvidos de todos ressoando o grito de protesto do Dragão do Mar, — “Neste porto não embarcam mais escravos”, pelo que Oliveira Paiva, melhor de saúde e aparentando vigor físico, se incorporou à campanha em favor dos escravos, integrando as hostes que militavam no jornal *O Libertador*, de honrosa tradição, ao lado de Antônio Martins, Antônio Bezerra, João Lopes, Justiniano de Serpa e outros.

Quando, a 25 de março de 1884, o hino da Liberdade vibrou na noite caliginosa dos negros, se afastou ele das lutas em que se em-

penhara, passando a colaborar no órgão denominado *A Quinzena*, em idos de 1887, escrevendo ali contos de sabor regional e crônicas focalizando os assuntos mais palpantes do momento.

Datam dessa época seus poemetos “25 de Março” e “Isabelinha ou a Tacha Maldita”.

Como prenúncios de tuberculose ameaçassem a estabilidade de sua vida, como aconteceu a Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu, encaminhou-se para os sertões de Quixeramobim, em cuja cidade, muitos anos depois, decorreu, durante oito anos, parte de nossa infância inquieta, anônima, pelo que julgamos conservar no íntimo do peito, a ressonância dos sinos das suas igrejas seculares.

Ali, Oliveira Paiva delineou os capítulos esplendentes de seu grande romance *Dona Guidinha do Poço*, admirável sob todos os aspectos, decalcado nas normas de um realismo a Emílio Zola, romance que não conseguiu editar e cujos originais, após a sua morte, andaram de mão em mão, inclusive nas de José Veríssimo, o eminente crítico, que iniciou a sua publicação em folhetins, na *Revista Brasileira*, no ano de 1899.

Muito tempo depois, ou seja, somente anos após a sua elaboração, eis que Lúcia Miguel Pereira, espírito brilhantíssimo, descobriu tão valioso acervo nos arquivos de Américo Facó, resolvendo lançar *Dona Guidinha do Poço* aos ventos da publicidade em 1952.

Em torno desse repositório de constantes emoções, de flagrantes estarrecentes e onde avultam panoramas coloridos, Ismael Pordeus, historiador de larga penetração, concebeu interessante e curioso ensaio, demonstrando, com apontamentos irrefutáveis e conclusões incontestes, que o mesmo é cópia fiel de um crime ocorrido em Quixeramobim, do mesmo sendo protagonista dona Maria Lessa, que mandou assassinar o marido, em virtude de manter forte paixão por um primo.

Devemos à Lúcia Miguel Pereira, já falecida, a iniciativa da tiragem em 1962, de *A Afilhada*, outro romance de Oliveira Paiva, inferior ao primeiro, mas onde há páginas escorreitas e deleitantes. Para conseguir a tiragem em apreço, Lúcia Miguel Pereira contou com a boa vontade e decidida cooperação quanto à feitura das cópias, de nossa estimável conterrânea Prof. Maria da Conceição Sousa, cujo empenho em prol das letras deve ser por todos proclamado.

Agora, graças ao dinamismo e largo descortino de Cláudio Martins, Presidente de nosso pujante Silogeu, acaba de circular mais um livro de Oliveira Paiva, denominado *Contos*, organização de Braga Montenegro, introdução de Sânzio de Azevedo e capa de Al-

beron, de 72 páginas, em bonita tiragem da Imprensa Universitária, compendiando as estórias concatenadas pelo emérito escritor e vindas a lume no jornal *A Quinzena*, a que fizemos referência.

Os enredos concebidos pela imaginação poderosa e franca de Oliveira Paiva, Patrono da Cadeira de n.º 25, na Academia Cearense de Letras, a qual temos a honra de ocupar, revestem-se de graça e facínio, de encanto e sutileza, não se sabendo, dentre todos, qual o mais belo e envolvente, se “Corda Sensível”, se “O Velho Vovô”, se “O Ódio”, se “A Barata e a Vela”, se “Ao Cair da Tarde”, e se “De Preto e de Vermelho”, para mencionarmos apenas meia dúzia, uma vez que em todos perpassam lampejos ofuscantes de imaginação e sonoridade de estilo, sobressaindo a harmonia vocabular.

Rejubilemo-nos com mais uma iniciativa de Cláudio Martins, entregando à literatura brasileira novo repositório de belezas e atrativos, da lavra de Manuel de Oliveira Paiva, em quem não se pode obscurecer o esplendor de uma grande vida, dignificando, sempre e sempre, a nossa terra e a nossa gente.